

## Editorial

### Caros leitores,

A presente edição da revista Araripe nasce com o propósito de abordar em diversas perspectivas filosóficas a temática “Modos de subjetivação contemporâneos: Crítica e Clínica”. Adotamos para o título deste dossiê o destaque das dimensões críticas e clínicas das subjetividades, de modo similar ao livro homônimo do filósofo Gilles Deleuze, lançado na França em 1993. Ao trazermos à tona essa obra deleuziana, há exatos 30 anos de sua publicação, pretendemos destacar não apenas as variações atualizadas de pensamentos que se dão no encontro da filosofia com o “fora”, com o que nos afeta, mas também apresentar textos que pretendem interpelar a constituição de subjetividades contemporâneas, impelindo-nos à criação incessante de sentidos, a irmos em busca de uma linguagem ainda inaudita.

Este número da Revista Araripe acolhe, portanto, o que é passível de ser malvisto e maldito, em uma profusão de cores e sonoridades. Da mesma forma como a filosofia de Deleuze se abasteceu das ressonâncias de múltiplos textos - da literatura de Beckett, Proust, Lewis Carroll, da filosofia de Spinoza, Nietzsche, Kant, Platão, ou mesmo, da clínica de Freud e Deligny etc. –, as autoras e autores que aqui se agenciam atentam portanto para palavras e contextos plurais, para tematizações que procuram perfurar blocos conceituais fechados sobre si mesmos, alijados do nosso contexto ético-político.

Mesmo contando com o *impossível* e *inacessível* que desafia a linguagem, como diria Maurice Blanchot em *Conversa Infinita* (importante referência para Deleuze), pretendemos oportunizar ao leitor outros “tratamentos” aos modos de subjetivação que nos atravessam, sobretudo, àquilo que escapa e do qual não podemos fugir, àquilo que é inapreensível e do qual não devemos abrir mão. Vale salientar que os artigos aqui publicados não deixam de traçar, tal como fora o propósito de Deleuze na ocasião do lançamento de *Critique et clinique*, um conjunto

de caminhos entrecruzados, trajetórias de escritas que possuem o trunfo de não se renderem aos infortúnios e doenças de nosso tempo.

No primeiro artigo deste dossiê, temos o texto de Cristiane Marinho, intitulado *Butler: crítica foucaultiana como virtude*. A autora oportunamente se debruça sobre as formas de resistência à governamentalidade neoliberal a partir do pensamento de Judith Butler e Michel Foucault. Ao ressaltar a atitude crítica como virtude, o artigo explora com intensa força política a reformulação da própria noção de resistência pela pensadora Judith Butler, no sentido de ver a estética da existência tratada por Foucault como um meio de “não se deixar ser governado tanto assim”.

Em seguida, *Entre Jaspers e o “jovem Foucault”*: antropologia, loucura, obra e civilização, Marcio Luiz Miotto aborda de modo inédito as relações entre loucura e obra formuladas no curso *La question Antropologique*, proferido pelo “jovem Foucault” na década de 1950 – um material recém-divulgado na França (2022) –, ainda pouco conhecido no Brasil. Para este fim, o autor evidencia de que forma o pensamento de Carl Jaspers, sobretudo, em sua aproximação com a filosofia de Nietzsche, pôde se constituir como uma psicologia *sui generis*, gerando problematizações no pensamento de Foucault que acabaram por desembocar na formulação crítica da loucura.

Já o terceiro artigo, *Tanatopolítica e neofascismo no Brasil: atualização da lógica manicomial no Cariri cearense*, com a autoria de Leda Mendes Gimbo e Magda Diniz Bezerra Dimenstein, apresenta um atento estudo cartográfico da Casa de Saúde Santa Teresa, um hospital psiquiátrico localizado no Cariri cearense, instituição que se manteve em funcionamento desde a década de 1970 até 2016. As pesquisadoras não apenas ressaltam uma lógica manicomial e de dispositivos que ainda pode ser encontrada no Cariri cearense, como também refletem sobre as possíveis repercussões das políticas do comum diante da esfera da saúde mental.

Caio souto, por sua vez, em *Galanteria, gosto e luxo nos “Ensaios políticos, morais e literários” de David Hume*, examina as ideias do filósofo inglês do século XVIII sobre a relação entre galanteria, gosto e luxo. Esta abordagem destaca como o equilíbrio adequado à moralidade é possível de ser estabelecido em sociedades que cultivam uma espécie de “delicadeza de gosto”. Tal condição, ressaltada por Hume, seria mais propícia de se desenvolver onde também existisse um polimento para a galanteria e para a apreciação comedida do luxo.

O artigo *Nota Sobre o (des)encontro Foucault/Derrida a partir de Freud*, escrito por Fernando Sepe Gimbo, destaca de que forma Foucault e Derrida, cada qual a seu turno, puderam compreender a relação entre discurso filosófico e alteridade. Diante da polêmica entre Foucault e

Derrida, encetada no cenário filosófico do século XX, o autor buscou extrair os atravessamentos de Freud em ambos os pensadores; tanto no que se verteu como “discurso crítico” em Foucault, como no que se formulou como discurso “ontológico-metafísico” em Derrida.

O sexto artigo do dossiê é escrito por Luiz Manoel Lopes, a quem dedicamos esta edição. Professor combativo sem perder a doçura, erudito sem esnobismo, resistente sem demonstrar cansaço, faz-se inventivo de uma forma singular de pensamento que se volta aos devires minoritários que fervilham no Cariri cearense. O seu texto *Guattari e a produção de subjetividade* parte da atenção de Félix Guattari (1930-1992) aos problemas que envolvem os modos de sermos subjetivados. A subjetividade, neste artigo, é considerada não como pertencente ao sujeito individual, que teria condições asseguradas para determinar sua existência empiricamente, mas sim como um modo de crítica implacável a um sistema de produção capitalista e a uma maquinaria de sujeição. Acompanhando as formulações de Guattari (em três fases), o autor coloca em destaque o que considera ser imprescindível em trajetórias de pensamento voltadas à psicoterapia institucional e aos ativismos políticos.

Esta edição conta também com a tradução do texto *Gênero, classe, “raça” e subalternidade: por uma psicanálise menor*, de Thamy Ayouch. Tomando a noção de “literatura menor” tematizada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, o autor se propõe a aventar a possibilidade de uma “psicanálise menor”. Se a literatura menor diz respeito a um modo de escrita que não é a de uma língua menor – mas aquela em que minorias são capazes de se inscrever em uma língua maior –, a “psicanálise menor” assume um propósito análogo: instiga-nos oportunamente a realizar reformulações críticas da própria prática psicanalítica, levando em conta as minorias clínicas afetadas por questões de gênero, raça ou classe.

O dossiê se encerra com as notas da aula *Poéticas da curadoria: crítica e clínica na arte contemporânea*, de Lucas Dilacerda. O professor, curador e crítico de arte, apresenta apontamentos de uma aula-arte formulada em três atos, onde discorre sobre a sua experiência em curadoria, sobre o que designa como “poética da curadoria” e os seus desafios em um mundo contemporâneo marcado por insígnias coloniais e neoliberais. Tais notas constituem um panorama atual sobre os desafios, potências e estratégias em que a curadoria de arte é colocada em questão, mostrando suas faces críticas e clínicas aí implicadas.

Faz-se importante salientar, por fim, que a organização e publicação dessa edição acontece num momento delicado em que os sintomas mórbidos da aliança entre neoliberalismo(s) e autoritarismo(s) permanecem rondando as diversas formas de vida no planeta, desafiando-nos à

formulação de novas reflexões e práticas de resistência. Nesse sentido, as universidades também se encontram como palco de disputas de toda ordem, flertando com um modelo organizacional provindo de prerrogativas econômicas e que toma corpo em suas mais diversas esferas; seja no distanciamento assumido pela gestão superior diante dos dilemas ético-políticos enfrentados pela comunidade acadêmica, seja nas políticas de fomento à pesquisa, nas relações com o saber – acentuadamente produtivistas –, ou ainda, seja nas dinâmicas em sala de aula e nos seus eventos cotidianos.

Este dossiê publicado pela Revista Araripe, ao reunir textos de autoras e autores de diferentes formações e trajetórias, procura assim cumprir o seu papel de contribuir nos debates e nas pesquisas que se inclinam para o enfrentamento, dentro e fora dos ambientes institucionais, da reprodução de violências de gênero, raciais e do sufocamento de devires minoritários.

**O-a-s Editore-a-s**

**Fernando Sepe Gimbo (UFCA/IISCA)**

**Luis Celestino de França Júnior (UFCA/IISCA)**

**Regiane Lorenzetti Collares (UFCA/IISCA)**